

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 58 A — 1.º e 2.º Andar — Tel. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
DE CENSURA

VIAGEM PRESIDENCIAL

Há portugueses que pensam que a população dos Açores está um tanto desnacionalizada porque é grande o número de açorianos emigrando para os Estados Unidos, uns fixando-se por lá, outros regressando com o seu pé de meia e uma certa "tintura" estrangeirada. Enganam-se os que supõem que a permanência no estrangeiro, onde quer que seja, prejudica o sentimento patriótico. Se é possível, dá-se o contrário. O português, fora do País, esquece as críticas mesquinhas e só se lembra do louvor e da glória da sua terra.

Quando, em 1901, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia visitaram o formoso arquipélago, constataram o fervor patriótico dos açorianos. Não têm, de resto, os Açores belas recordações ligadas aos grandes movimentos nacionais? D. António, Prior do Crato, procurou ali terra rebelde ao jugo estrangeiro; nas campanhas da liberdade, foi ainda ali que se juntaram as forças de D. Pedro IV.

São contos do Passado. Agora, mercê das circunstâncias a que somos estranhos, mas que não podemos desconhecer, nem a elas ficar indiferentes, os Açores chamam a atenção do mundo. As bases das nossas ilhas comandam as rotas do Atlântico, vigiam o caminho da América e da África. Impõe-se a sua importância aos povos que precisam de livre passagem.

Os leitores não ignoram o que, a propósito, o Presidente Roosevelt declarou e as justificações que se seguiram, provocadas pelo nosso Governo. Como coroamento da atitude que assumimos, das medidas de defesa que adoptámos, o Chefe do Estado aceitou o convite, repetido nesta emergência pelas populações, para visitar o arquipélago. Nunca esta visita seria mais oportuna, como demonstração de unidade nacional e de soberania.

A repercussão do anúncio

acontecimento, que enche de júbilo os açorianos, foi grande no estrangeiro. A determinação portuguesa de manter nessas ilhas o nosso domínio íntegro não podia ter mais eloquente consagração.

O grande diário londrino, o *Times*, dedicou o editorial, de 1 do corrente, à viagem do Senhor General Carmona a "um dos pontos dos vastos domínios portugueses que se destacam mais neste momento". De há quatro séculos para cá, os Açores formam "as pedras de passagem entre a América e a Europa" e o Journal inglês regista que a Grã-Bretanha se congratula ao ver "aquele ponto avançado estratégico sob a guarda duma Potência amiga e respeitada. E que por largo tempo assim continue".

Referindo-se às palavras de Roosevelt, esclarece:

"Nada poderia estar mais longe dos desejos dos Estados Unidos como do Império Britânico do que ver perturbar, por qualquer forma, o domínio de Portugal sobre as suas ilhas atlânticas. Pelo contrário: a política de ambas as potências consiste em apoiar esse domínio. Existe, porém, o facto de haver forças voraças à solta pelo mundo — haja em vista o sucedido com um submarino, não longe das águas portuguesas — e aquelas forças não respeitam intentos pacíficos, nem qualquer autoridade legalmente constituída".

Reproduzimos do *Diário de Notícias*, de 2 do corrente, esta transcrição. Serve para mostrar que a visita do venerando Chefe do Estado vai dar, como atrás dizíamos, a mais eloquente consagração da nossa soberania nos Açores, soberania que o Governo procura assegurar em todos os meios de defesa, em homens e material, que os recursos nacionais permitem reunir.

J. G.

Farpas

Em prol da Penha

A Penha é o monte encantador que nos extasia e que sempre nos dá novas sensações do maravilhoso da sua inegalável paisagem.

Porém, apesar de todos os esforços que tem sido feitos desde longínquos anos até ao presente, ainda se não conseguiu dar-lhe aquela exuberância de que necessita.

A Penha é bela e a quem a não conhecia, deixa sempre um sulco profundo de admiração, que jamais se apagará. Encantadora, como é, não encontrou ainda o meio de comunicação, rápido, seguro e económico que lhe empreste maior movimento e crescente número de visitantes. O meio de transporte influe poderosamente no desenvolvimento de uma estância turística, como é a Penha.

E ainda por negro azar, um fogo devastador veio reduzir a cinzas aquela jóia de talha que era o altar de Santa Clara.

Por vezes, a Penha atinge uma era de prosperidade que dá a impressão de que algo se vai fazer de proveitoso no sentido de se valorizar ainda mais os seus naturais encantos.

Mas, passados os primeiros momentos de entusiasmo, tudo volta a cair naquela apática sonolência contra a qual se tentou reagir. Parece que este lamentável defeito é já característico, infelizmente, dos vimaraneses.

Primeiro nos impulsos do entusiasmo comunicativo, avassalador, fomentador de uma energia que facilmente esmorece, tudo vai de roldão, sem obstáculos que vençam, lava de baírrismo que aquece as almas e sepulta os indiferentismos doentios e estereis.

Mas, passados esses primeiros momentos, volta o cansaço, o tédio, a malquerença a quebrar aquele ritmo esperançoso em que tudo caminha.

Volta, agora, a falar-se, de novo, na Penha e houve o feliz pensamento de organizar uma garraizada para conseguir-se receita para as obras em projecto.

Também a falta de um projecto definitivo, competentemente elaborado, tem prejudi-

*Chamam-lhe a santa pequenina e loira
Quando ela passa e vai pé ante pé,
Lembrando o arfar duma palavra moira,
Que não tem rima de tão leve que é!*

*Dizem que tem dezasseis anos feitos;
Mas eu aposto que cabia, e bem,
Numa dessas caixinhas de confeitos
Que a gente compra para dar a alguém...*

*Eu quando a vejo pequenina e esquiva
Como uma inglesa a rir numa alameda
Julgo estar vendo uma andorinha viva
Meida dentro dum papel de seda.*

*E' das três manas a mais nova, e timbra
Por ser a mais travessa e linda flor,
— Segundo o afirma o mano de Coimbra
E o corrobora o seu papá doutor.*

1902.

ARNALDO PEREIRA.

cado grandemente o embelezamento da Penha.

A ideia da garraizada, com os valiosos elementos que se anunciam, é feliz.

Mas, até neste pormenor se verifica a falta de persistência dos vimaraneses. Uma garraizada, por muitos bons que sejam os que nela tomam parte, é sempre uma garraizada. E supomos que não foi só para isto que se levantou, na nossa cidade, a praça de touros. E uma boa tourada não seria mais de louvar e de desejar?

S. João das Caldas,
9 de Julho de 1941.

X. X.

P. S. — Não costumamos emendar as gralhas que, por vezes, aparecem a alterar o sentido do que escrevemos, como aconteceu no último número. Assim, onde escrevemos «E' por isso que nos parece benéfico que os interesses alemães e os interesses russos se tivessem chocados» aparece «E' por isso que nos parece benéfico que os interesses alemães e os interesses russos se tivessem chocados» o que não é bem a mesma coisa.

Aqui fica a rectificação, que nos parece necessária. — X. X.

Feiras Francas

DE
S. GUALTER

Dentro em breves dias deverá ficar definitivamente elaborado o programa geral das Feiras Francas e Festas de S. Gualter, a realizar nesta Cidade nos dias 2, 3 e 4 de Agosto próximo.

Os festivais, que terão lugar no espaçoso largo da República do Brasil, prometem revestir muito brilho, tendo sido contratados já os conhecidos e consagrados pirotécnicos de Viana do Castelo, que mais uma vez nos deliciarão com os seus magníficos fogos.

Exibir-se-á igualmente o conhecido e reputado pirotécnico d'este concelho, Sr. Augusto Fernandes, das Taipas.

As feiras serão abrihantadas por 5 bandas de música, entre as quais as do Pevidém e dos B. V. de Guimarães.

O Largo da República do Brasil, onde já começou o abarracamento para as Feiras, ostentará vistosas decorações do conhecido ornamentista Sr. Bernardo Barreira, desta Cidade.

Críticas Pequenas

A velha questão da naturalidade de Fernão de Magalhães foi recentemente ventilada mais uma vez e deu ensejo ao eminente Cabouqueiro de Antiquilhas que se chama Avelino de Jesus da Costa, para nos brindar com um poemazinho de António Baião sobre a sua querida (sua, do Cabouqueiro) Ponte da Barca.

«Foi árvore que cresceu e frondejou essa linda de Magalhães transmontano, acolhida durante um século por historiadores nacionais e estrangeiros. Daqui — assim o espero — sairá cortada cerce a golpes de machado de boa crítica. E no seu lugar irei plantar a árvore viçosa da Verdade para o terreno não ficar escaldado e nu.

Terra da Nóbrega, abençoado rincão do alto Minho, onde os regatos murmurantes brotam a cada canto, onde a linfa é de cristal, onde os salgueiros e as cerejeiras se vestem das galas próprias e as pedem ainda emprestadas aos pámpanos viridentes. Terra da Nóbrega, ribeira do Lima, sob as tuas veigas frondosas se oculto por certo o herói Fernão de Magalhães, ou sob as tuas carvalheiras gigantescas e umbrosas. Sem par é o verde que tapeta as tuas montanhas, como sem par é o azul do céu que elas recortam. A mesma brisa fagueira, coada pelos teus pinhais, que veio a afinar a lira soada de Bernardes, reteve a fibra de ago do primeiro circunavegador do globo. Dos teus blocos de granito foi talhado por perito alvenal a tua riqueza de ânimo e o seu carácter inquebrantável. Ai como és velha!

Que a saúde e mais o tempo ajudem o Cabouqueiro!

Agostinho de Campos nem sempre se julga agarrado ao potro da Linguagem.

Também por vezes debica na árvore da Política.

E agora sacudiu o reposteiro da Moral.

O cinema invasor foi o seu derradeiro tema e quanto prego o grande Pedagogo!

Mas... se o deserto da Boa Linguagem é imenso, o da Boa Moral é sem fim.

O cinema e a bola são os dous polos da vida contemporânea.

Se nos seus dous tomos sobre *Questões de Gramática Latina* nos havia maravilhado o profundo saber de Raúl Machado, as suas quatro colunas, na recente folha literária das

Nos três últimos números do «Notícias» ocupei-me de alguns deveres da Moral, destacando os referentes à «Moral individual» e à «Moral social», embora dentro daquele limite de espaço de que pode dispor um Jornal da Província e que eu tenho de respeitar como modesto colaborador, pois o contrário seria incorrer no crime de abuso, crime que de forma alguma desejo praticar. No entanto, suponho ter tocado nos pontos principais das referidas modalidades da Moral, depois de umas vagas considerações de ordem geral. E se hoje volto ao assunto — naturalmente já considerado importuno por alguns leitores — isso se deve, apenas, ao facto de ter afirmado que o homem não tem só a atender aos deveres para consigo e para com o seu semelhante, mas também aos que dizem respeito aos seres inferiores, às plantas, etc. Quanto aos seres inferiores ou animais, cometem-se por vezes faltas muito graves, porque pessoas há que não lhes reconhecem o direito de serem bem tratados e até acarinhados, do que resultam os maus tratos, que a Lei proíbe e condena. Os animais são vítimas de crueldades que estão em completa desarmonia com os princípios basilares da humanidade e com o próprio sentimento cristão e algumas vezes chegam a atingir tais proporções de selvajaria que colocam em nível muito baixo o grau de civilização de quem os pratica. Evidentemente quem assim procede desvia-se do dever de não fazer sofrer esses seres, quer seja para se deliciar com os seus sofrimentos, quer para saciar a sua cólera. Em qualquer dos casos, trata-se de um procedimento sem justificação perante o tribunal da consciência humana. Toda e qualquer pessoa que maltrate um animal porque este não pode compreender nem satisfazer as suas exigências, coloca-se em plano inferior ao dele, procedendo como se fosse irracional dos mais ferozes. Ningém deve, pois, ignorar que os actos de crueldade para com os animais ofendem o sentimento da piedade, que não é nem nunca poderá ser compatível com a brutalidade e com a violência. E hoje, que os países mais atrasados em civilização já estão a dispensar aos animais a protecção de que são dignos, nós, portugueses, devemos marcar o nosso lugar na vanguarda. E o que se diz de maus tratos aos animais, outro tanto se poderá dizer do que se passa com as plantas, tam úteis e tam dignas, também, da máxima protecção. Devemos tratá-las de modo conveniente e não as destruir sem necessidade, evitando, assim, a imprudência

de inutilizar aquilo que nos pode prestar importantes e variados benefícios.

As plantas representam para a humanidade um elemento apreciável de saúde, de higiene e de conforto, independentemente da sua valorização dentro do factor económico. Portanto, não será por favor que devemos proteger as plantas, mas sim por obrigação, além de que será uma homenagem de respeito que se tributa à Obra prodigiosa da Natureza e ao próprio Criador! Nesse sentido devemos educar os nossos filhos, a fim de que os desviemos da degradante função de agentes da destruição.

E assim termino estas breves considerações, com o que dou cumprimento à minha promessa.

Zé da Aldeia.

Empreza Termal das Taipas

Foi nomeado director clínico do Estabelecimento Termal das Taipas, em substituição do nosso saudável amigo Sr. Dr. Alfredo Fernandes, o Sr. Dr. Ferreira Júnior que durante bastantes anos exerceu igual cargo nas Caldas do Gerez. Apresentamos a S. Ex.^a os nossos cumprimentos.

GAZETILHA

Temos hoje GARRAIDA a favor da nossa Penha. Oxalá que a *parceirada* um grande sucesso obtenha e seja larga a «mólhada» que da bilheteira venha.

O «pingo» que se arranjar tem o destino marcado: é todo para gastar no templo que foi queimado e que se está a levantar nesse local adorado.

Nenhum bom vimaraneses deixará de comparar, porque a guerra não se vence sem nela se combater... — Quem de tal se não convence lavra em erro, pode crer!

Mas além do nobre fim a que a verba se destina, acreditem cá em mim: a Corrida é coisa fina! — Um espectáculo assim, por tal preço, é uma mina.

Que o diga o seu *timoneiro*, que anda a par com essa vida, o senhor *Bráulio Carneiro*, pessoa muito sabida. — Custa hoje grosso dinheiro o *cartel* de uma Corrida.

Vem a *Maria da Graça*, e os *Casimiro* valentes, Artistas de pura raça, idolatrados das gentes: ela, a graça que esvoaça, êles, gentis, atraentes.

Depois, o *Alberto Augusto* não vai ser péco... a fugir, embora com muito custo, à farta nos fará rir, pois não ganhará pra susto quando o toiro o investir.

Julga que o *bicho* é a bola, mas está muito enganado, a *cantiga* ali não *cola*, é «comer» e estar calado. E lá vai: até consola ver um teso... bem tosoado.

G.

BELGATOUR.

